

UFBA | 70  ANOS

**PROCESSO SELETIVO
VAGAS RESIDUAIS 2016
UFBA**

23

**PORTUGUÊS
ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
REDAÇÃO**

INSTRUÇÕES

Para a realização das provas, você recebeu este Caderno de Questões, uma Folha de Respostas para as Provas I e II e uma Folha de Resposta destinada à Redação.

1. Caderno de Questões

- Verifique se este Caderno de Questões contém as seguintes provas:
Prova I: PORTUGUÊS — Questões de 01 a 35
Prova II: ESTUDOS ORGANIZACIONAIS — Questões de 36 a 70
Prova de REDAÇÃO
- Qualquer irregularidade constatada neste Caderno de Questões deve ser imediatamente comunicada ao fiscal de sala.
- Nas Provas I e II, você encontra apenas um tipo de questão: objetiva de proposição simples. Identifique a resposta correta, marcando na coluna correspondente da Folha de Respostas:

V, se a proposição é verdadeira;
F, se a proposição é falsa.

ATENÇÃO: Antes de fazer a marcação, avalie cuidadosamente sua resposta.

LEMBRE-SE:

- A resposta correta vale 1 (um), isto é, você **ganha** 1 (um) ponto.
- A resposta errada vale -0,5 (*menos* meio ponto), isto é, você **não ganha** o ponto e ainda **tem descontada**, em outra questão que você acertou, essa fração do ponto.
- A ausência de marcação e a marcação dupla ou inadequada valem 0 (zero). Você **não ganha nem perde** nada.

2. Folha de Respostas

- A Folha de Respostas das Provas I e II e a Folha de Resposta da Redação são pré-identificadas. Confira os dados registrados nos cabeçalhos e assine-os com caneta esferográfica de **TINTA PRETA**, sem ultrapassar o espaço próprio.
- **NÃO AMASSE, NÃO DOBRE, NÃO SUJE, NÃO RASURE** ESSAS FOLHAS DE RESPOSTAS.
- Na Folha de Respostas destinada às Provas I e II, a marcação da resposta deve ser feita preenchendo-se o espaço correspondente com caneta esferográfica de **TINTA PRETA**. Não ultrapasse o espaço reservado para esse fim.

Exemplo de Marcação
na folha de Respostas

01	<input type="checkbox"/>	F
02	<input checked="" type="checkbox"/>	V
03	<input checked="" type="checkbox"/>	V
04	<input type="checkbox"/>	F
05	<input checked="" type="checkbox"/>	V

- O tempo disponível para a realização das provas e o preenchimento das Folhas de Respostas é de 4 (quatro) horas e 30 (trinta) minutos.
-

ESTAS PROVAS DEVEM SER RESPONDIDAS PELOS CANDIDATOS AO SEGUINTE CURSO:

- SECRETARIADO EXECUTIVO

PROVA I — PORTUGUÊS

QUESTÕES de 01 a 35

INSTRUÇÃO:

Para cada questão, de **01** a **35**, marque na coluna correspondente da Folha de Respostas:

V, se a proposição é verdadeira;

F, se a proposição é falsa.

A resposta correta vale 1 (um ponto); a resposta errada vale -0,5 (*menos* meio ponto); a ausência de marcação e a marcação dupla ou inadequada valem 0 (zero).

QUESTÕES de 01 a 06

Questão 01

A palavra adquire significado relativo ao contexto em que se insere.

Questão 02

É impossível constituir significação para um termo sem que se faça dele o elemento de um contexto, sem que se construa um enunciado.

Questão 03

No texto escrito, a língua-padrão resulta de uma imposição social que deve desclassificar os demais dialetos.

Questão 04

Um texto argumentativo contém, obrigatoriamente, respostas às questões **quem?**, **o quê?**, **onde?**, **como?** e **por quê?**.

Questão 05

Observando-se a frase “Temos que se unir e agir de acordo com o combinado”, o uso do pronome reflexivo evidencia um procedimento típico da língua oral coloquial distensa.

Questão 06

A função primordial da linguagem em suas especificidades é social, contudo ela também pode ser usada com a finalidade de impedir a comunicação de informações para certos setores da população.

QUESTÕES de 07 a 12

TEXTO :

[...] De alguns anos para cá, sem que eu percebesse muito bem no início, ao visitar exposições, assistir a alguns espetáculos, ver certos filmes, peças de teatro ou programas de televisão, ler certos livros, revistas e jornais, passei a ser assaltado pela incômoda sensação de que estavam gozando da minha cara e não havia como me defender diante de uma conspiração

5 – esmagadora e sutil para fazer que eu me sentisse inculto ou estúpido.

Por tudo isso, foi tomando conta de mim uma pergunta inquietante: por que a cultura dentro da qual nos movemos foi se banalizando até se transformar, em muitos casos, num pálido arremedo do que nossos pais e avós entendiam por essa palavra? Parece-me que essa deterioração nos mergulha em crescente confusão, da qual poderia resultar, no curto ou longo prazo, um mundo

10 – sem valores estéticos, em que as artes e as letras – as humanidades – teriam passado a ser pouco mais que formas secundárias do entretenimento, na rabeira daquilo que os grandes meios audiovisuais oferecem ao grande público e sem maior influência na vida social.

Esta, definitivamente orientada por considerações pragmáticas, transcorreria então sob a direção absoluta dos especialistas e dos técnicos, destinada essencialmente à satisfação das

15 – necessidades materiais e animada pelo espírito de lucro, motor da economia, valor supremo da sociedade, medida exclusiva do fracasso e do sucesso e, por isso mesmo, razão de ser dos destinos individuais.

Isso não é um pesadelo orwelliano®, e sim uma realidade perfeitamente possível, da qual as nações mais avançadas do planeta, as do Ocidente democrático e liberal, foram se aproximando

20 – de modo discreto, à medida que os fundamentos da cultura tradicional entravam em falência e iam sendo substituídos por fraudes que afastavam cada vez mais do grande público as criações artísticas e literárias, as ideias filosóficas, os ideais cívicos, os valores e, em suma, toda aquela dimensão espiritual chamada antigamente de cultura, que, embora confinada sobretudo a uma elite, no passado transbordava para o conjunto da sociedade e influía sobre ela, dando-lhe sentido

25 – para a vida e razão de ser para a existência, que transcendia o mero bem-estar material. Nunca vivemos, como agora, uma época tão rica em conhecimento científico e invenções tecnológicas, nem mais equipada para derrotar as doenças, a ignorância e a pobreza; no entanto, talvez nunca tenhamos ficado tão desconcertados diante de certas questões básicas como o que fazemos neste astro sem luz própria que nos coube, se a mera sobrevivência é o único norte que justifica

30 – a vida, se palavras como espírito, ideais, prazer, amor, solidariedade, arte, criação, beleza, alma, transcendência ainda significam alguma coisa, e, em sendo positiva a resposta, o que há e o que não há nelas. A razão de ser da cultura era dar resposta a esse tipo de pergunta. Hoje ela está exonerada de semelhante responsabilidade, já que a transformamos aos poucos em algo muito mais superficial e volúvel: uma forma de diversão para o grande público ou um jogo retórico,

35 – esotérico e obscurantista para grupelhos vaidosos de acadêmicos e intelectuais que dão as costas ao conjunto da sociedade.

® império de uma sociedade do controle / desgosto da desigualdade e da opressão. Crítica ao totalitarismo.

VARGAS LLOSA, M. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução Ivone Benette. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 181-182. Tradução de: *La civilización del espectáculo*.

Questão 07

O texto configura uma visão crítico-depreciativa da cultura atual.

Questão 08

A utilização da língua coloquial, no texto, está evidente em “passei a ser assaltado pela incômoda sensação de que estavam gozando da minha cara” (l. 3-4).

Questão 09

O vocábulo “humanidades” (l. 10), no contexto, retoma, anaforicamente, “um mundo sem valores estéticos” (l. 9-10).

Questão 10

No texto, “motor da economia, valor supremo da sociedade, medida exclusiva do fracasso e do sucesso” (l. 15-16) constitui um segmento esclarecedor de “espírito de lucro” (l. 15).

Questão 11

No trecho “Nunca vivemos, como agora, uma época tão rica em conhecimento” (l. 25-26), o termo “como” exprime uma relação de intensidade.

Questão 12

No fragmento “Hoje ela está exonerada de semelhante responsabilidade, **já que** a transformamos aos poucos em algo muito mais superficial e volúvel” (l. 32-34), o termo em destaque possui o mesmo valor semântico de “à medida que” (l. 20).

QUESTÕES de 13 a 27

TEXTO :

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

- Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?
- 5 – — Deixe-me, senhora.
- Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.
- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.
- 10 – — Mas você é orgulhosa.
- Decerto que sou.
- Mas por quê?
- É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?
- 15 – — Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?
- Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...
- Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem
- 20 – atrás obedecendo ao que eu faço e mando...
- Também os batedores vão adiante do imperador.
- Você é imperador?
- Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...
- 25 – Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de *Diana* – para dar a isto uma cor
- 30 – poética. E dizia a agulha:
- Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...
- A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela,
- 35 – silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.
- 40 – Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:
- Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do
- 45 – vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.
- Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: – Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não
- 50 – abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.
- Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

ASSIS, M de. Um apólogo. **Contos**. 20. ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 89-90. (Série Bom Livro)

Questão 13

A expressão inicial do texto, “Era uma vez” (l. 1), remete à ideia de que os fatos relatados pertencem a um tempo e mundo distantes.

Questão 14

O narrador, no parágrafo final, refere-se a uma situação similar à relatada anteriormente.

Questão 15

A narrativa deixa transparecer características psicológicas das personagens.

Questão 16

As protagonistas da história são seres interdependentes, de vidas sociais diferentes.

Questão 17

A “agulha” e a “costureira” simbolizam seres que não apresentam correlação em suas funções.

Questão 18

No final da narrativa, o “alfinete” é a voz experiente, desencantada, mostrando-se um ser acomodado.

Questão 19

Além da voz do narrador, no texto, há pluralidade de vozes que fazem ilações sobre a vida social.

Questão 20

Os termos “baronesa” (l. 25) e “mucamas” (l. 46) evidenciam a ação da narrativa num determinado contexto histórico do Brasil.

Questão 21

No texto, os termos “costureira” (l. 25) e “baronesa” (l. 25) são retomados por sinônimos.

Questão 22

O termo “que”, em “que disse a um novelo de linha” (l. 1) e em “Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça” (l.6), nos dois trechos, pertence à mesma classe gramatical.

Questão 23

O processo sintático da inversão lexical está exemplificado em “Por que está você” (l. 2) e “Também eu” (l. 52).

Questão 24

O período “Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?” (l. 2-3) apresenta orações subordinadas.

Questão 25

No período “Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa.” (l. 25), há orações coordenadas.

Questão 26

O uso da onomatopeia em “não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano.” (l. 37) exemplifica a ocorrência da repetição do elemento linguístico para evitar ambiguidade.

Questão 27

Na frase “Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se.” (l. 40), a vírgula usada é facultativa, e o pronome “se”, apassivador.

QUESTÕES de 28 a 35

TEXTO:

AQUI ESTOU, junto à tempestade
chorando como uma criança
que viu que não eram verdade
o seu sonho e a sua esperança.

5 – A chuva bate-me no rosto
e em meus cabelos sopra o vento.
Vão-se desfazendo em desgosto
as formas do meu pensamento.

Chorarei toda a noite, enquanto
10 – perpassa o tumulto nos ares,
para não me veres em pranto,
nem saberes, nem perguntas:

"Que foi feito do teu sorriso,
que era tão claro e tão perfeito?"
15 – E o meu pobre olhar indeciso
não te repetir: "Que foi feito...?"

MEIRELES, C. Acontecimento In: **Obra Poética**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972. p.119.

Questão 28

Na primeira estrofe do poema, o eu lírico afirma a sua presença no mundo marcada por atribuições violentas.

Questão 29

O sentimento de frustração do sujeito poético evidenciado na primeira estrofe tem causa explícita no poema.

Questão 30

Na segunda estrofe do poema, a natureza ganha vida e age sobre o viver do eu lírico, fortalecendo-o.

Questão 31

O poema apresenta apenas um enunciador em primeira pessoa.

Questão 32

O contexto poético revela o tédio, a angústia do sujeito lírico, em face da perda amorosa.

Questão 33

Há, no texto, imagens sensoriais, exemplificadas pelas palavras "tempestade", "chuva", "vento", "noite".

Questão 34

O advérbio "AQUI" (v.1) adquire significado espaçotemporal.

Questão 35

A palavra "tempestade" (v.1) é metáfora de **vida** no poema.

PROVA II — ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

QUESTÕES de 36 a 70

INSTRUÇÃO:

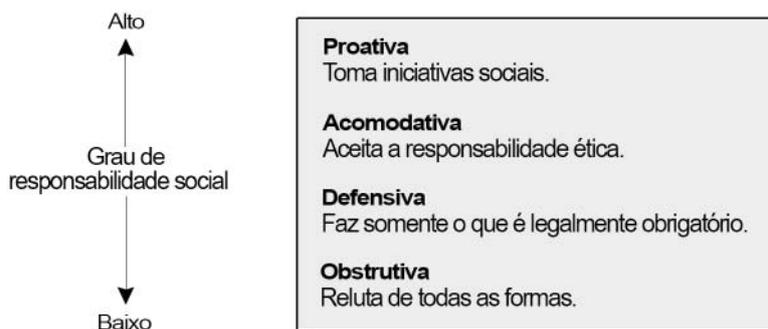
Para cada questão, de 36 a 70, marque na coluna correspondente da Folha de Respostas:

V, se a proposição é verdadeira;

F, se a proposição é falsa.

A resposta correta vale 1 (um ponto); a resposta errada vale -0,5 (*menos* meio ponto); a ausência de marcação e a marcação dupla ou inadequada valem 0 (zero).

QUESTÕES de 36 a 39



Analisando-se as informações contidas na figura, as quais expressam as exigências sociais sobre as organizações, é correto afirmar:

Questão 36

As organizações que se antecipam às demandas sociais demonstram um grau de responsabilidade social elevado.

Questão 37

Uma organização, quando admite erros na condução dos seus negócios e procura reduzir os danos apontando que esses acontecimentos foram fortuitos, demonstra uma atitude proativa.

Questão 38

O cumprimento das exigências da legislação por uma organização revela que ela alcançou um elevado grau de compromisso com a sociedade.

Questão 39

Tanto o governo quanto as empresas têm o dever de agir considerando o interesse da sociedade.

QUESTÕES de 40 a 47

1ª	Artesanal	Antiguidade até a pré-Revolução Industrial	Até 1780
2ª	Transição para a industrialização	Primeira Revolução Industrial	1780 a 1860
3ª	Desenvolvimento industrial	Após a Segunda Revolução Industrial	1860 a 1914
4ª	Gigantismo industrial	Entre as duas Grandes Guerras Mundiais	1914 a 1945
5ª	Moderna	Pós-guerra até a atualidade	1945 a 1980
6ª	Globalização	Atualidade	após 1980

Considerando-se as informações da figura, que demonstram a evolução das organizações, é correto afirmar:

Questão 40

O aprendizado organizacional oportuniza a capacidade de mudar e superar, com maior facilidade, as crises e as adversidades.

Questão 41

As mudanças na sociedade, através do reconhecimento de novos direitos e obrigações dos seus membros, sejam pessoas físicas ou jurídicas, levam as organizações a se adaptar, sob pena de correr riscos de não sobreviver.

Questão 42

As organizações tornaram-se mais complexas a partir da Revolução Agrícola, que lhes permitiu alcançar o estágio inicial, denominado de artesanal.

Questão 43

Os interesses bélicos influenciaram e impactaram, ainda que de modo preocupante, o desenvolvimento e o crescimento das organizações ao longo do século XIX.

Questão 44

A Globalização é uma etapa marcante no desenvolvimento das organizações, pois nela surgem as organizações multinacionais, fruto da automação e da computação.

Questão 45

A Antiguidade contribuiu para os estudos organizacionais, a partir das experiências e das práticas organizativas dos exércitos e das religiões.

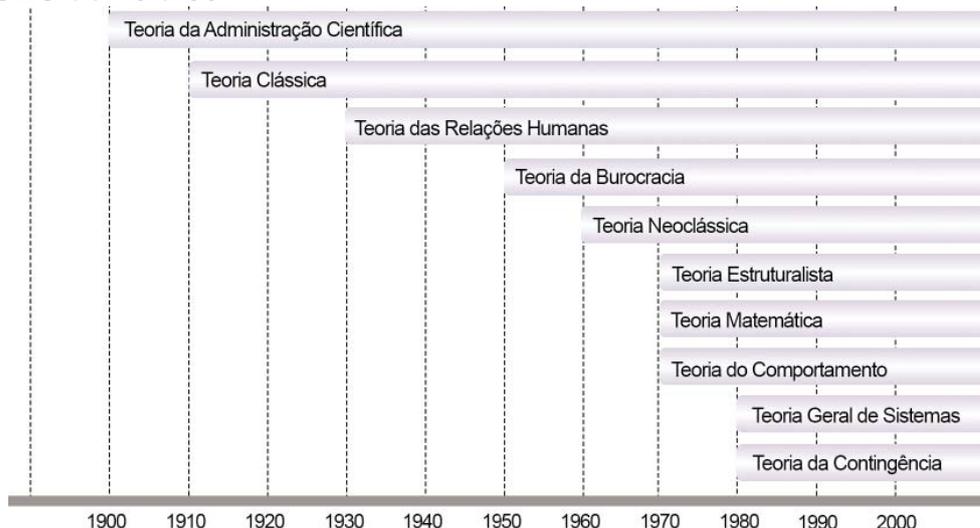
Questão 46

O uso do termo **organização** é adequado para se referir às empresas privadas e às empresas estatais, quando de capital aberto.

Questão 47

As organizações refletem a intencionalidade e a inteligência do ser humano, já que, de modo formal ou informal, se articulam em prol de interesses ou objetivos comuns, mesmo que temporários.

QUESTÕES de 48 a 55



A partir da análise da figura, que elenca as Teorias da Administração, é correto afirmar:

Questão 48

As perspectivas ou as teorias que estudam as organizações surgem à medida que há um crescimento, uma evolução e a complexidade delas.

Questão 49

Henry Ford (1863-1947) é considerado o pai da Administração em razão do seu sucesso com a *Ford Motor Company*.

Questão 50

A Teoria da Contingência defende a ideia de que não existe uma única maneira certa de realizar e conduzir a ação organizacional.

Questão 51

A **quarteirização** é uma prática recente nas organizações, a qual atualiza e adapta os ensinamentos da Teoria da Burocracia ao desenvolvimento tecnológico, com a consequente automação do processo produtivo.

Questão 52

A Teoria Geral de Sistemas proporcionou expressivos ganhos de produtividade nas organizações por enfatizar a necessidade de absorver as experiências de outras organizações.

Questão 53

De acordo com a Teoria Geral de Sistemas, toda organização é um sistema aberto, constituído de partes que se integram entre si, inserida em um ambiente com o qual estabelece relações de troca.

Questão 54

A Teoria da Burocracia recebeu críticas severas por ser inflexível e desconsiderar os relacionamentos informais.

Questão 55

Uma das críticas atribuídas à Teoria das Relações Humanas é a de que ela nega ou ignora a existência do conflito no âmbito organizacional.

QUESTÕES de 56 a 60

FUNÇÕES \ NÍVEIS	INSTITUCIONAL OU ESTRATÉGICO	INTERMEDIÁRIO	OPERACIONAL
Planejamento	Determinação de objetivos	Alocação de recursos Elaboração de planos táticos	Desdobramento de planos táticos em planos operacionais
Organização	Desenho da estrutura organizacional	Determinação da estrutura de órgãos e cargos, rotinas e procedimentos	Determinação dos métodos e processos de operação
Direção	Determinação das diretrizes e políticas de recursos humanos	Implementação das políticas de recursos humanos	Supervisão direta das tarefas
Controle	Avaliação do desempenho da empresa	Verificação do desempenho organizacional	Avaliação do desempenho pessoal

Analisando-se as informações da figura, que apresentam as funções do processo administrativo e níveis organizacionais, é correto afirmar:

Questão 56

A função **planejamento** se desdobra em planos táticos e operacionais.

Questão 57

A função **direção** é responsável não só por orientar os colaboradores sobre que ações executar, mas também por conseguir que eles as executem da melhor maneira possível.

Questão 58

O processo administrativo envolve quatro grandes funções, independentes e autônomas, que devem apenas respeitar o nível hierárquico.

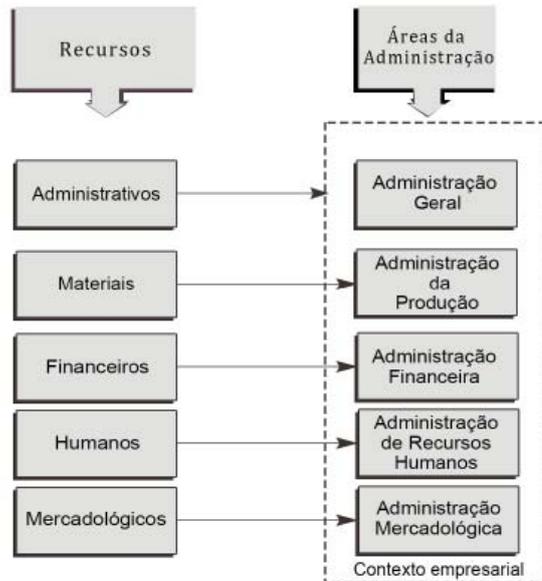
Questão 59

É papel da função **planejamento** distribuir o trabalho e os recursos disponíveis na organização.

Questão 60

Cabe à função **organização** estabelecer as relações de hierarquia no âmbito da organização.

QUESTÕES de 61 a 64



A partir da análise da figura, que mostra os recursos e as áreas da administração, é correto afirmar:

Questão 61

Os recursos de uma organização são distribuídos de maneira similar, considerando as especialidades ou as áreas da Administração.

Questão 62

Tradicionalmente, os recursos organizacionais são subdivididos em quatro grandes grupos, já que o Administrativo engloba todos.

Questão 63

A Administração Financeira é responsável pelas atividades de comercialização dos produtos e serviços disponibilizados pela organização aos seus clientes.

Questão 64

Os colaboradores de uma organização são considerados recursos dinâmicos, pois são inertes e estáticos por si mesmo.

Questão 65

Um dos desafios organizacionais é ter colaboradores motivados, e, para isso, a organização pode fazer uso de recompensas intrínsecas ou extrínsecas.

Questão 66

O grau de motivação dos colaboradores impacta a produtividade e o desempenho das tarefas no âmbito da organização.

Questão 67

A **liderança** é a influência interpessoal exercida em uma situação e dirigida por meio de um processo de comunicação.

Questão 68

A **democracia** é o melhor estilo de liderança para toda e qualquer organização.

Questão 69

No âmbito organizacional, o processo de comunicação deve ser formal e escrito, podendo ser também lateral ou descendente.

Questão 70

O processo decisório é autoritário-coercitivo quando é centralizado, sendo considerado forte, fechado, duro, mas arbitrário.

PROVA DE REDAÇÃO

INSTRUÇÕES:

- Escreva sua Redação com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no local apropriado do Caderno de Questões.
- Na Folha de Resposta, utilize apenas o espaço a ela destinado.
- Será atribuída a pontuação ZERO à Redação que
 - se afastar do tema proposto;
 - for apresentada em forma de verso;
 - for assinada fora do local apropriado;
 - apresentar qualquer sinal que, de alguma forma, possibilite a identificação do candidato;
 - for escrita a lápis, em parte ou na sua totalidade;
 - apresentar texto incompreensível ou letra ilegível.

Os textos a seguir devem servir como ponto de partida para a sua Redação.

I.

[...] Com algum exagero, quase se pode afirmar que *Raízes do Brasil* não está completando oitenta anos: o livro que gerações de leitores conheceram é, na verdade, de 1948.

Antes de falar no sentido dessa mudança, é preciso delinear, de forma breve, que livro afinal é este. Ensaio enxuto, com menos de 200 páginas, *Raízes do Brasil* compõe um concentrado painel interpretativo da história do Brasil, identificando certos traços fortes da formação nacional. Nos quatro primeiros capítulos, o colonizador português faz um herói ambíguo. Para Sérgio Buarque, os portugueses eram os “portadores naturais” de uma “missão histórica”: a “conquista do trópico para a civilização”. Adaptáveis às condições hostis da natureza e desprovidos de orgulho racial, eles cultivavam um espírito relaxado e aventureiro, que, com a exploração da mão de obra escrava, se provaria eficiente na América. O personalismo ibérico, de outro lado, encontrou terreno próprio na grande propriedade rural, onde a voz do proprietário e patriarca era lei. Desse caldo de cultura aquecido ao sol do Novo Mundo, emerge o tipo social que, com certa ironia, Sérgio Buarque qualifica de “contribuição brasileira para a civilização”: o homem cordial.

TEIXEIRA, J. Clássicos em mutação. **Veja**, ed. 2491, ano 49, n. 33, São Paulo: Abril, p. 84, 17 ago. 2016.

II.

Um fascinante mal-entendido tem assombrado a história cultural brasileira nas últimas oito décadas. Em 1936, ao publicar seu livro de estreia, Sérgio Buarque de Holanda teria identificado o perfil da identidade nacional: a cordialidade. No entanto, para o leitor da obra, essa associação desinibida surpreende. No fundo, *Raízes do Brasil* é um ensaio-manifesto contra a ideia de cordialidade. Sérgio Buarque desenvolveu o conceito para dar conta da formação social brasileira nos séculos nos quais o mundo agrário era dominante. Ao mesmo tempo, ele apostou suas fichas no universo urbano e industrializado, que, em tese, deveria varrer o homem cordial do mapa. No passado agrário, a família patriarcal ditava o tom das relações, forjando uma sociabilidade sujeita aos privilégios deste ou daquele grupo, em lugar de investir num projeto coletivo, corporificado na metáfora do espaço público. [...]

Em *Raízes do Brasil*, a cordialidade não é um traço exclusivamente nacional. Por isso, na imaginação crítica de Sérgio Buarque, a abolição e a urbanização condenariam o homem cordial ao museu da história do Brasil – ruína do passado agrário, a ser devidamente superada pela modernização. Esse é o sentido forte de sua resposta a Cassiano Ricardo: “O homem cordial se acha fadado a desaparecer, onde ainda não desapareceu de todo. E, às vezes, receio sinceramente que já tenha gasto muita cera com esse pobre defunto”. Palavras duras, escritas em 1948, e que esclarecem o tropeço dos que veem no conceito mais uma das perversas maquinações da elite econômica para inventar uma “identidade nacional”, a fim de ocultar desigualdade e injustiças.

TEIXEIRA, J. Clássicos em mutação. **Veja**, ed. 2491, ano 49, n. 33, São Paulo: Abril, p. 86-87, 17 ago. 2016.

III.

A forma como a atual cena política brasileira se apresenta, em meio à propagação de discursos reacionários, parece colocar uma rasura nas ideias da gentileza e respeito às diferenças com as quais o brasileiro costuma ver o próprio país. Uma rasura que remete à ideia do homem cordial, forjada no livro *Raízes do Brasil* (1936), onde o historiador Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) debruça-se sobre as origens da cordialidade nacional.

Teresa Santana, historiadora que assinou o artigo *O nosso fundamentalismo* (2013), confeccionado nas barbas das manifestações de junho de 2013, as maiores desde a redemocratização nacional, fala em “momento apropriado para repensar o caráter do brasileiro”. “Afirmar que somos naturalmente tolerantes é desconhecer o machismo, a homofobia e o racismo que vigoram nos trens, ônibus e vagões lotados. No fundo, se não repensarmos nosso caráter, estaremos condenados a ser uma sociedade autista”.

REZENDE, E. O homem cordial. **Muito**, #417, Salvador, p. 15, 3 jul. 2016. Revista do Grupo A Tarde.

PROPOSTA

Com base nas ideias dos fragmentos em destaque e também nas suas próprias vivências, escreva **um texto argumentativo** em que você discuta criticamente o pensamento da historiadora Teresa Santana: “**Afirmar que somos tolerantes é desconhecer o machismo, a homofobia e o racismo. Se não repensarmos nosso caráter, seremos uma sociedade autista.**”

RASCUNHO

RASCUNHO

FONTES das ILUSTRAÇÕES

Questões de 36 a 39

PEREIRA, A.M. **Introdução à administração**. 3. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004. p. 20.

Questões de 40 a 47

CHIAVENATO, I. **Administração: teorias, processo e prática**. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 200. p. 06.

Questões de 48 a 55

PEREIRA, A.M. *op. cit.* p. 50.

Questões de 56 a 60

PEREIRA, A.M. *op. cit.* p. 15.

Questões de 61 a 64

CHIAVENATO, I. *op. cit.* p. 55.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAD/COORDENAÇÃO DE SELEÇÃO E ORIENTAÇÃO
Rua Dr. Augusto Viana, 33 – Canela
Cep. 40110-060 – Salvador/BA
Telefax (71) 3283-7820 – E-mail: ssoa@ufba.br
Site: www.vagasresiduais.ufba.br